O PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

VERONICA DE SOUZA BATISTA SILVA

RESUMO

O trabalho do Pedagogo vai muito além dos muros da instituição de ensino, ele pode atuar em diferentes espaços e proporcionar àquelas crianças que estão internadas em hospitais ou em tratamento domiciliar, um aprendizado divertido e de qualidade. A aprendizagem das crianças no ambiente hospitalar é necessária e a formação do pedagogo precisa ser contínua para que ele possa contribuir na elaboração de propostas que possam favorecer a aprendizagem para essas crianças e suas habilidades. É preciso ainda que o profissional que vá atuar nesse tipo de ensino esteja preparado psicologicamente, pois vai se deparar com conflitos entre a vida e a morte todos os dias. Para isso estudou-se autores como: FREIRE (1996); MENEZES (2004); FONTES (2005); FONSECA (2000) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Hospitalar; Pedagogo; Aprendizagem; Novos Saberes.

1. INTRODUÇÃO

O pedagogo hospitalar vem ganhando espaço a cada dia que passa, no entanto a procura por esse profissional ainda não é muito grande, devido às pessoas não entenderem exatamente o que ele deve fazer dentro de um hospital.

Essa abordagem irá mostrar as ações pedagógicas que são possíveis nesse ambiente e observar como a Pedagogia Hospitalar atua em relação ao ensino e aprendizagem da criança hospitalizada e também como se dá a formação do docente que irá atuar nas classes hospitalares.

O trabalho desse docente é de suma importância para as crianças que vivem longos dias de internação, sem poderem frequentar a escola regular, elas precisam saber que a aprendizagem pode acontecer mesmo longe da escola.

2. ALUNOS/PROFESSORES NAS CLASSES HOSPITALARES

A criança que se encontra internada é considerada como aquela que precisa de cuidados especiais, ou seja, ela faz parte da chamada Política de Educação Especial, pois é vista como "aluno-paciente" pela necessidade de tratar uma determinada doença.

A fragilidade da criança internada, faz com que o professor tenha um olhar diferenciado para esse tipo de educação, pois ele precisa mostrar a essas crianças que há motivos para que a vida continue, que é a aprendizagem.

Não é só pensar na formação de educadores como se existissem escolas capazes de transformar o educador de uma sala de aula normal em educador hospitalar, mas sim pensar em programas que irão formar esses educadores especiais, pois terão que acompanhar outro tipo de crianças e com outras necessidades que não são só as necessidades de aprendizagem normais.

Dessa forma, o educador encontrará no "aluno-paciente" um novo sentido para fazer educação, mostrando que ela pode ser de qualidade.

Para Freire (1996, p.24):

Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais automaticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito a dos outros.

Essas palavras nos levam a crer que a essência da humanização é respeitar o outro, sem esquecer que o outro é um ser em constante desenvolvimento, buscando seu crescimento.

Esse profissional que trabalha com a criança internada merece todo nosso respeito, pois convive com a dor e muitas vezes com a perca de seu aluno, por mais esse motivo esse profissional precisa ter uma formação em educação emocional para poder ter clareza de sua missão, e para que possa agir com coerência, exercitando as habilidades e competências emocionais para que essas lhes deem estrutura para se comprometerem e responsabilizarem-se pela formação dessas crianças.

Não podemos rotular as crianças, por exemplo, que têm doenças graves, como aquelas que não conseguem aprender e que são limitadas quanto ao aprendizado, precisamos que esse profissional faça com que essas crianças sintam que são capazes de muitas coisas, e entre essas coisas está a capacidade de aprender.

O profissional que irá trabalhar com essas crianças precisa planejar suas ações a fim de possibilitar a aprendizagem, pois se sabe que não é qualquer mediação que irá produzir resultados positivos, é preciso conhecer os caminhos que serão percorridos, conhecer qual a cultura que a criança possui, suas experiências, seu meio social, para que

se possa construir uma relação de ensino e aprendizagem que realmente funcione para essas crianças.

Sendo assim, a equipe pedagógica que atua em ambiente hospitalar precisa garantir o saber ao aluno hospitalizado, fazendo valer seu direito de cidadão, pois o dever da escola é construir caminhos democráticos para inserir todos em nossa sociedade.

O professor que atende a criança hospitalizada precisa estar atento sobre a importância do seu trabalho, pois ao mesmo tempo que ensina, aprende com essas crianças e torna a vida delas um pouco menos difícil, porque elas podem não ter muito tempo de vida.

O pedagogo é o profissional que estará atuando com essas crianças e precisa estar preparado psicologicamente.

O Ministério da Educação, diante dessa necessidade, criou um documento que se chama: Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar, com estratégias e orientações para promover essa oferta para aqueles que necessitam e dessa forma assegurar o acesso à educação básica e a atenção às necessidades educacionais especiais.

Segundo Fonseca (2000, p. 25):

O professor que atua na classe hospitalar é um profissional que tem formação de educador e por meio de diversas atividades pedagógicas faz um elo entre a realidade hospitalar e a vida cotidiana da criança internada avaliando, acompanhando e intervindo no processo de aprendizagem da mesma, além de oferecer subsídios para a compreensão do processo de elaboração da doença e da morte.

2.1 PRÁTICAS DE ENSINO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Mesmo atuando fora da sala de aula convencional, o professor precisa conhecer a teoria, a metodologia, a organização e a regulamentação escolar, pois muitas vezes precisará ir além da carreira docente para conseguir cumprir o ato de ensinar nas classes hospitalares, por se tratar de um público totalmente diferente do que está acostumado a atender.

Para Tardif (2010, p. 35):

... o saber implica em processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequada.

Sendo assim, o trabalho desse profissional deve reunir o domínio de diferentes saberes e formas de atuação, que com certeza, ele tem devido ao tempo que leciona. Esses saberes e práticas são de suma importância para que essas crianças que estão hospitalizadas possam aprender.

Para melhorar o trabalho nas classes hospitalares, o Ministério da Saúde lançou em 2001 o Programa Nacional de Humanização Hospitalar (PNHAH), e sua proposta era promover ações que poderiam alterar o padrão da assistência a essas crianças, e no ano de 2003 se tornou uma política pública, sendo chamado de Programa Nacional de Humanização da Atenção e Gestão.

Para Menezes (2004, p. 28):

Além do benefício terapêutico, é evidente a importância da comunidade da escolarização no ambiente hospitalar, sem prejuízos maiores à formação escolar proposta, respeitando o indivíduo como cidadão em seu direito à educação, mesmo frente à diversidade.

Continuar os estudos para os alunos que estão internados, significa seguir com a vida, e com seus direitos, além de contribuir para com o exercício de sua cidadania, contribuindo para sua melhora durante esse período de tratamento.

Segundo Fontes (2005, p. 25):

Começamos a perceber nesse contexto intersubjetivo do hospital, em que se interpretam os conceitos de educação e saúde, uma nova perspectiva de educação que fertilize a vida, pois o desejo de aprender/conhecer engendra o desejo de viver no ser humano.

Para Calegari (2003, p. 30):

É no processo de formação que se podem enraizar valores e atitudes de respeito à vida humana, indispensáveis à consolidação e à sustentação de uma nova cultura de atendimento à saúde.

E, segundo o PNHAH (2001), existe um conjunto de ações integradas que podem mudar o padrão de atendimento dos usuários do sistema de saúde, melhorando ainda a qualidade e eficácia deste serviço.

O documento PNHAH (2001, p. 02), apresenta os seguintes objetivos:

- Fortalecer e articular todas as iniciativas de humanização já existentes na rede hospitalar pública;
- Melhorar a qualidade e a eficácia da atenção dispensada aos usuários da rede hospitalar brasileira credenciada ao SUS;
- Modernizar as relações de trabalho no âmbito dos hospitais públicos, tornan-

do as instituições mais harmônicas e solidárias, de modo a recuperar a imagem pública dessas instituições junto à comunidade;

- Capacitar os profissionais do hospital para um novo conceito de atenção à saúde que valorize a vida humana e a cidadania;

- Conceber e implantar novas iniciativas de humanização dos hospitais que venham a beneficiar os usuários e os profissionais de saúde, entre outras coisas.

Esse programa está destinado à Secretaria Municipal e Estadual de Saúde e aos Hospitais da rede pública do Brasil, e a intenção é de que cada vez mais hospitais da rede pública possuam esse programa.

Para Calegari (2003, p. 34), há quatro planos distintos para a implantação dos grupos de trabalhos que são:

- No plano pedagógico: contribuir para a educação continuada, promoção de eventos educativos, treinamento de áreas ou profissionais, divulgação de temas de interesse da coletividade;

- No plano político: propiciar a democratização das relações de trabalho, concedendo voz aos setores que normalmente não teriam condições de superar as barreiras de hierarquia e competência técnica. Para isso, deverá manter um relacionamento estrito com cada setor, ouvindo reclamações, sugestões e buscando soluções para problemas específicos;

- No plano subjetivo: sustentar um processo de reflexão contínua sobre as vivências no mundo do trabalho, o "como" e "para quê" se trabalha numa organização hospitalar;

- No plano comunicativo: criando fluxos de informações relevantes para profissionais, dando a conhecer os projetos de humanização em curso no hospital.

Dessa forma, a humanização faz com que a pessoa seja mais respeitada, pois é no hospital que se cuida da saúde da comunidade, mas nem sempre as pessoas são tratadas como deveriam, muitas vezes a classe social e a financeira contam mais e essas pessoas são tratadas com mais respeito, enquanto as mais simples são tratadas sem tanta importância.

As práticas nas instituições hospitalares precisam estar além da situação financeira, pois todos que se encontram hospitalizados estão frágeis e precisando de carinho e atenção.

Afeição, carinho, raiva, medo, angústia, empatia, respeito e simpatia, são relações pessoais que devem ser reconhecidas para o sucesso do tratamento dos pacientes.

Esse documento (PNHAH, 2001), veio para alertar àqueles que trabalham em hospitais que precisam entender que o paciente não é um objeto, mas sim um ser humano fragilizado que deve ser tratado com respeito para que sua recuperação seja alcançada.

Para Ortiz e Freitas (2005, p. 27): "É um processo de desestruturação do ser humano que se vê em estado de permanente ameaça", esse pensamento se dá pelo fato de que quando a hospitalização é longa, ela pode causar sérios problemas emocionais e sociais para as crianças, principalmente, pois esse tempo as impede de conviver com outras crianças da mesma idade e das atividades cotidianas que normalmente teriam se estivessem num ambiente normal de ensino.

Para confirmar esse pensamento, temos a seguinte afirmação feita no documento Brasil (2002, p. 10):

Com relação à pessoa hospitalizada, o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas; separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais.

Sendo assim, quando não podem frequentar a escola devido aos tratamentos necessários, essas crianças precisam de formas alternativas de ensino para que façam uso de seus direitos à educação e à saúde.

2.2 A ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES HOSPITALARES

É competência da Secretaria da Educação atender os hospitais quando esses solicitarem esse tipo de trabalho, cabe à Secretaria da Educação contratar e capacitar professores, prover recursos financeiros necessários e materiais pedagógicos.

Cabe ainda a ela, providenciar um ambiente que favoreça a construção do conhecimento para crianças, jovens ou adultos, em se tratando da educação básica.

Conforme o documento Brasil (2002, p. 16):

Além de um espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento propriamente dito poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que restrições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento assim requeiram.

Todas essas preocupações precisam estar na atuação desse docente, inclusive a responsabilidade em organizar os materiais

didáticos para que a aprendizagem aconteça.

Além do que, os recursos audiovisuais como computador, vídeos, televisão entre outros também precisam estar disponíveis.

Ainda conforme o documento Brasil (2002, p. 17):

Tais recursos se fazem essenciais tanto ao planejamento, desenvolvimento e avaliação do trabalho pedagógico, quanto para o contato efetivo da classe hospitalar, seja com a escola de origem do educando, seja com o sistema de ensino responsável por promover e garantir seu acesso escolar.

Para Fonseca (1999, p. 13):

...em sua prática pedagógica-educacional diária, as classes hospitalares visam a dar continuidade ao ensino dos conteúdos da escola de origem da criança ou adolescente e/ou operam com conteúdos programáticos próprios à faixa etária das crianças e jovens hospitalizados o que os leva a sanar dificuldades de aprendizagem e/ou à oportunidade de aquisição de novos conteúdos intelectivos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho foi possível entender a importância do professor para as crianças que estão com alguma enfermidade grave e precisam estar confinadas em um hospital ou em casa, longe do contato da escola e de uma vida normal.

Para essas crianças, a presença desse profissional faz toda diferença, pois já estão passando por problemas de saúde, estão longe dos amigos e da família, então o professor passa para elas o lado humano, mostrando o quanto são importantes para todos, inclusive para seus professores.

O professor, com certeza enfrenta diversos desafios para atuar nas classes hospitalares e precisa estar bem-preparado psicologicamente, pois não sabe se terá esse aluno por muito tempo ou se o perderá para a fatalidade da vida.

No entanto, durante o tempo que ele estiver atuando com essas crianças precisa dar o melhor de si e fazer com que elas se sintam realizadas por estarem dando continuidade aos estudos como se estivessem vivendo uma vida normal.

A família precisa estar sempre do lado dessa criança e desse profissional, incentivando-os, isso é muito difícil, mas necessário.

Sabe-se que não existe um modelo pronto de ensino, pois tudo isso ainda é muito novo, mas o desafio de se construir uma ação pedagógica que contemple a diversidade é muito grande, e ao mesmo tempo possível, basta ter dedicação, força de vontade, conhecimento e o apoio da Secretaria da Educação e da Secretaria da Saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar, 2001, p. 02. Disponível em http://portal.saude.sp.gov.br/resources/gestor/acesso_rapido/auditoria/manual_NHAH. Acesso em 13 de outubro de 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002, p. 10 e 16.

CALEGARI, A.M. As inter-relações entre educação e saúde: implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2003, p. 30 e 34.

FONSECA, Eneida Simões. A situação brasileira do atendimento pedagógico educacional hospitalar. Educação e Pesquisa. Vol. 25, nº 01. São Paulo, janeiro/junho de 1999.

FONTES, Rejane de S. A reinvenção da escola a partir de uma experiência instituinte em hospital. Educação e Pesquisa, maio/agosto, 2004, vol. 30, nº 02.

_____. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Revista Brasileira de Educação, maio/agosto, 2005, p. 25.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 24.

MENEZES, Cinthya Vernizi A. de. A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar: um estudo de caso em enfermarias pediátricas do hospital das clínicas da UFPR. Dissertação de Mestrado de Florianópolis, 2004, p. 28.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. FREITAS, Soraia Napoleão. Considerações acerca da inclusão escolar de crianças pós-hospitalizadas. Cadernos de Educação, 2002.

_____. Classe hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2005, p. 27.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2 ed., valores humanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 35.